

Jornalismo, Indignação e Esperança

Gustavo Cardoso, Ana Pinto Martinho e Miguel Crespo (organizadores)

JORNALISMO, INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA



LISBOA, 2018

© Gustavo Cardoso, Ana Pinto Martinho e Miguel Crespo (organizadores), 2018

Gustavo Cardoso, Ana Pinto Martinho e Miguel Crespo (organizadores)
Jornalismo, Indignação e Esperança

Primeira edição: novembro de 2018
Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-63-2
Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10
Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso
Capa: Lina Cardoso
Revisão de texto: Gonçalo Praça
Impressão e acabamentos: Realbase

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa
Tel.: (+351) 217 903 238
Fax: (+351) 217 940 074
E-mail: editora.cies@iscte.pt
Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros.....	vii
Prefácio.....	ix
Parte I Jornalismo	
1 Os desafios do jornalismo na sociedade em rede.....	3
<i>José Moreno e Gustavo Cardoso</i>	
2 O (estado do) ensino e a aprendizagem do jornalismo à luz da nova pirâmide de competências jornalísticas.....	71
<i>Miguel Crespo</i>	
3 Sobre a profissão de jornalista. Uma meta-análise do relatório <i>Desafios do Jornalismo</i>	81
<i>Tiago Lima Quintanilha</i>	
4 Lusafonia. Uma língua em comum, um noticiário variado?	99
<i>Liliana Pacheco</i>	
Parte II Indignação	
5 Um novo jornalismo para servir a democracia. Uma crise, muitas crises. Um desafio, muitos desafios.....	113
<i>José Vítor Malheiros</i>	
6 Media em saturação. Do antiaborrecimento à crise de inovação jornalística.....	123
<i>Paulo Nuno Vicente</i>	
7 Mitos e caminhos para o jornalismo feito em Portugal	131
<i>Ricardo Alexandre</i>	

8	“Os ditadores do Facebook”. Espaço pessoal: da catarse, ao insulto público; do direito à privacidade, à devassa da privacidade dos outros	143
	<i>Daniela Santiago</i>	
9	O jornalismo é um só.....	155
	<i>Miguel Marujo</i>	
Parte III Esperança		
10	Futuros do jornalismo de indústria de extração a indústria de transformação.....	165
	<i>Ricardo Jorge Pinto</i>	
11	Jornalismo de dados. Desafios para uma profissão em mudança.....	177
	<i>Ana Pinto Martinho</i>	
12	Análise das transformações da prática jornalística	185
	<i>Ana Catarina Santos</i>	
13	Diálogos com Gabo.Uma crônica do jornalismo na era da internet....	193
	<i>Branco Di Fátima</i>	
14	A Crise do Jornalismo.....	201
	<i>Paulo Pena</i>	
	Pós-fácio	205
	Referências bibliográficas.....	211

Índice de figuras e quadros

Figuras

1.1	Receitas de publicidade de publicações norte-americanas	14
1.2	Receitas de publicidade conseguidas pela Google	14
3.1	O acesso à profissão deve exigir formação académica superior?	84
3.2	O acesso à profissão deve exigir formação académica específica em jornalismo?	84
3.3	O acesso à profissão deve passar por um estágio profissional?	85
3.4	Em que medida concorda/discorda com a ideia de que a informação produzida por não jornalistas e que chega aos cidadãos através das redes sociais e dos novos media não é muito diferente do jornalismo hoje praticado?	85
3.5	Como vê o estatuto social do jornalista desde há 5 anos?	86
3.6	Como vê a evolução do papel do jornalista enquanto profissional? Está	87
3.7	Concorda com a ideia de que, daqui a três anos, os jornalistas em Portugal terão de saber produzir conteúdos em todas as plataformas (impressão, vídeo, áudio, <i>web</i> , serviços móveis, etc.)?	88
3.8	No seu trabalho jornalístico, costuma utilizar informação disponibilizada em redes sociais (Facebook, Google+, etc.)?	89
3.9	Na sua opinião, o número de notícias com origem em pesquisas no _____, realizadas por jornalistas, tem:	89
3.10	Costuma publicitar em redes sociais (Facebook, etc.), as notícias por si feitas ou do seu órgão de comunicação social?	90
3.11	Em que medida concorda/discorda das seguintes afirmações?	90
3.12	Para saber o que se passa, preciso cada vez mais de recorrer a outras fontes que não os média tradicionais?	91
3.13	Para saber o que se passa, preciso cada vez mais de recorrer a outras fontes que não os média tradicionais?	91

3.14	O que pensa da possibilidade de interagir com os utilizadores/consumidores de matérias jornalísticas?	93
3.15	Acha que a interação com os públicos influencia a qualidade do jornalismo...?	93
3.16	No geral, quão otimista está em relação ao futuro do seu órgão de comunicação?	94
3.17	Existem, na sua opinião, ameaças de médio prazo à continuidade do órgão de comunicação onde trabalha?	94
3.18	Prevê que, no próximo ano, o número de jornalistas afetos ao seu órgão de comunicação social, venha a _____	95
3.19	Quais as principais ameaças ao setor? (resposta múltipla).....	95
4.1	Dimensão do artigo.....	103
4.2	Origem geográfica da notícia	104
4.3	Tema Principal	106
4.4	Papel associado ao protagonista da estória	107
4.5	Papel associado ao protagonista secundário	107

Quadros

4.1	Género jornalístico	103
4.2	Fonte de Informação do artigo.....	104
4.3	Enfoque geográfico do artigo.....	105
4.4	Enfoque geográfico país secundário	105
4.5	Tema Secundário	106
11.1	183

Prefácio

“Crise” é uma palavra transversal a muitas áreas e o jornalismo não é exceção. O conturbado início do século XXI inscreveu-a em vários sectores e torna imperativa a reflexão sob vários pontos de vista. A presente obra surge como o natural completar do livro *Jornalismo em tempo de crise*, igualmente publicado pela Mundos Sociais, no qual se desenvolve um trabalho de análise sobre os acontecimentos com maior cobertura jornalística e mais destacados no jornalismo português entre 2012 e 2014. E onde se dá conta dos desafios que os meios de comunicação social e os jornalistas enfrentam na atualidade, sobretudo em países onde num passado recente a crise assumiu um carácter quase monopolista do debate público.

Esse primeiro volume, resultante do trabalho realizado no âmbito do projeto *Jornalismo e Sociedade*, permite um exercício de memória e um ponto de perceção das dinâmicas do jornalismo e dos média através da análise das escolhas temáticas abordadas e destacadas pelos órgãos de comunicação social, em Portugal, durante um período particularmente conturbado (entre 2012 e 2014). Já este segundo livro dá a palavra a intervenientes no processo de pensar e exercer o jornalismo. Estas pessoas, que vão do pivô de canal de informação ao jornalista de redação, passando pelo colaborador de laboratórios e centros de pesquisa, ajudam-nos a perceber melhor alguns aspetos que marcaram, estão a marcar, e irão continuar a marcar, a agenda de discussão no setor.

A obra *Jornalismo, Indignação e Esperança* conta com o contributo de um conjunto de autores, entre jornalistas e investigadores da área do jornalismo e dos média, que refletem sobre o jornalismo, as suas práticas, o seu ensino e o seu lugar na sociedade atual. Os autores, nos seus trajetos profissionais, têm-se debruçado nos estudos sobre jornalismo, seja num contexto mais macro, de apropriação de ideias vigentes que moldam o atual momento do sector, seja num contexto mais micro, de reconhecimento e de apropriação de práticas por parte de consumidores, formas de fruição, práticas dos profissionais, entre outros assuntos.

O livro que o leitor cidadão ou leitor cidadão-jornalista neste momento folheia pretende contribuir para a discussão sobre o jornalismo e o seu lugar na sociedade em rede e, ao mesmo tempo, questionar as mudanças nas suas práticas profissionais.

Mais do que apresentar soluções, os artigos publicados traçam um cenário e questionam a atual normalidade jornalística, pois questionar é mais importante do que nunca, sobretudo num momento em que o jornalismo também se procura reconstruir por entre a turbulência criada pelos embates entre as forças da rede e do *self*, isto é, da sua própria identidade.

Na primeira das três partes deste livro, falamos de *jornalismo* na sua forma mais analítica. Desde o primeiro artigo, que aborda os desafios do jornalismo na sociedade em rede, passando por uma meta-análise do relatório *Desafios do Jornalismo*, uma análise das notícias da Agência LUSA sobre países lusófonos, e terminando com uma análise do estado do ensino e aprendizagem do jornalismo à luz da nova Pirâmide de Competências, apresentam-se visões sobre diferentes ângulos que criam a atual normalidade jornalística. A segunda parte lida com a *indignação* num sentido lato, discutindo sobre aquilo que se põe em causa e refletindo sobre o estado e desafios que se colocam ao jornalismo e jornalistas. Aborda-se aí a relação entre média e democracia na atualidade, discute-se a saturação dos média, os mitos e caminhos para o jornalismo português, passando pelas questões levantadas pelas redes sociais, no que respeita à privacidade, à reserva ou à sua devassa, para terminar numa visão pessoalizada, lembrando que o jornalista é, e sempre será, um ator do quotidiano também ele com múltiplos *selves*. A terceira parte foca-se na *esperança*, pois sempre que há crises há, também, respostas. Neste conjunto de textos apontam-se caminhos possíveis, mas também são deixadas em aberto portas para os múltiplos carreiros possíveis para os futuros jornalismo, novas competências para uma profissão que já muito mudou e continuará a mudar, e apresenta-se uma prospetiva sobre as transformações nas práticas jornalísticas.

Um dos velhos dogmas do jornalismo da era pré-globalização assentava em não questionar se haveria jornalismo para além do nosso “jornalismo” nacional — fosse qual fosse o contexto nacional onde nos posicionávamos. A par desse dogma registávamos práticas profissionais de sinal inverso no jornalismo, pois olhar a imprensa, televisão e rádio de outros países em busca de novidades sempre produziu mudanças nos jornalismo nacionais, umas vezes mais lentas outras vezes mais aceleradas. No espaço global das notícias, portanto, sempre coexistiram múltiplos jornalismo nacionais, cada qual com as suas particularidades. Enquanto prática, o jornalismo caracteriza-se pela permanente busca de novidade no conteúdo — as notícias —, mas também pela inovação lenta e doseada de novas práticas, por vezes endógenas a uma dada realidade nacional, outras vezes produto da observação e remistura de práticas de outros jornalismo. Essa inovação, lenta e doseada, conheceu na história do jornalismo períodos de abrupta mudança sempre que um novo meio de comunicação, como a rádio ou a televisão, se juntou à imprensa escrita. Daí que o surgimento da internet não tenha representado uma novidade total nos processos de mudança e adaptação histórica do jornalismo. Para o jornalismo, a novidade resultou do facto de, tal como aquando do surgimento da *comunicação de massa*, também hoje, com a mudança de modelo de comunicação para uma *comunicação de rede* estarmos confrontados com uma nova realidade comunicacional. É essa nova realidade comunicativa que tantos anseios produz no jornalismo e nos

jornalistas, e a resposta a esses anseios só pode ser a mesma do passado: evoluir, adaptar-se e, no fim, mudar e construir o próximo paradigma do jornalismo.

Por tudo aquilo que atrás escrevemos, este livro só poderia terminar após se dar a palavra a diferentes atores da área dos média nas suas disparidades e diversidades de discurso, com uma proposta diferente, talvez polémica, mas que esperamos útil, de uma *Carta de Princípios do Jornalismo na Era da Internet*, a qual procura ajudar a construir o próximo paradigma do jornalismo. O documento surge na sequência do projeto Jornalismo e Sociedade (PJS), desenvolvido no ISCTE-IUL, com o apoio das Fundações Gulbenkian, EDP e FLAD. O projeto, que compreendeu dois anos de investigação (2012-2014), lançou o desafio aos jornalistas portugueses de escreverem conjuntamente uma declaração de intenções sobre o que deve ser o jornalismo no novo milénio. É é desse desafio que nasce a *Carta de Princípios* com a qual fechamos esta obra.

Gustavo Cardoso e Ana Pinto Martinho

